

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Alguns aportes para refletir sobre a informação e formas de controle social na contemporaneidade

Por: Valéria Cristina Lopes Wilke¹¹
valwilke@gmail.com

Resumo

Parte-se do pressuposto de que, apesar das diferentes leituras do estatuto da chamada revolução informacional e do meio técnico-científico-informacional, o certo é para abordar o contexto sócio-político atual, a informação constitui um elemento fundamental para sua descrição e entendimento. Durante o século XX, conforme Mézaros (2002), a reorganização do ciclo reprodutivo do capital seguiu a lógica da orientação pela acumulação e pela expansão. As transformações ocorridas no âmbito da produção promoveram o redimensionamento do arena das lutas, mas tais mudanças não marcam somente a agenda dos embates e a da conquista a se fazer. Igualmente no âmbito da produção e reprodução da vida ocorreram transformações radicais devido ao advento e à paulatina mundialização das tecnologias de informação e de comunicação (TIs) que, ao abrirem todo um espectro de avanços e desenvolvimentos de campos de saber como os da nanotecnologia, da inteligência artificial, da tecnologia computacional distribuída (dentre outros), enfeixam os animais humanos e os não humanos e todo o planeta nas possibilidades

¹¹ É Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – UFF-IBICT, é Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Graduada e Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. É servidora pública federal, docente do Ensino Superior, lotada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, junto ao Departamento de Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCHS. É membro da Comissão de elaboração do Currículo Mínimo de Filosofia junto a Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro – CECIERJ e é bolsista Coordenadora da disciplina de História e Filosofia da Graduação Licenciatura em História na Universidade Aberta do Brasil – UAB. Atua nas Linhas de Pesquisa sobre Práticas educativas, linguagens e tecnologias do Grupo de pesquisa discurso e mídia; Filosofia pop; Filosofia e política da informação. É Coordenadora do Projeto de pesquisa “Filosofia da informação na contemporaneidade: temas, questões e abordagens” e dos Projetos de Extensão “Educação é política”; A Filosofia e o diálogo com outros saberes” e “Filosofia na sala de aula”. É Coordenadora do Projeto “Monitoria para a área de Filosofia, conhecimento, política e informação: leituras da realidade – ano IV”. É membro do Corpo Editorial dos periódicos “Logeion: Filosofia da Informação” e “Morpheus: revista eletrônica de Ciências Humanas, conhecimento e sociedade”. É autora de artigos científicos em periódicos nacionais. É co-autora dos livros “Imagem e educação v. 1” (2006); “Imagem e educação v.2” (2006); “Fundamentos da educação 1” (2003); “Nietzsche e as Ciências” (2011) e “Assim falou Nietzsche II” (2000).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do mundo compartilhado no horizonte das TIs. As perguntas elementares “quem somos nós”, “como viver em sociedade” hoje, necessitam considerar nossa vida individual e coletiva, nossos modos de produzir e reproduzir a vida, nossas relações com o planeta, nossas instituições, normas regulamentos, a partir das possibilidades da vida que emergem neste horizonte digital. Nele as TIs são entendidas como elementos fundamentais para a estruturação da sociedade contemporânea e para a nova ordem mundial. Daí, essa forma societária poder ser definida em termos de rede, isto é, em termos de comunicação. No âmbito da mundialização, os papéis das tecnologias de informação e comunicação, da informação e da comunicação tornaram-se extremamente relevantes, pois sem os meios de comunicação digitais esse processo global não seria possível. O objetivo do artigo é discutir aspectos do controle social presentes neste contexto. Para tanto, em primeiro lugar haverá a pontuação de elementos da sociedade marcada pelas TIs e a seguir será discutida a questão do controle social na sociedade contemporânea por alguns parâmetros.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias de Informação e comunicação. Sociedade em rede. Redes digitais. Poder.

Rezumo

Jen sur la supozo ke, malgraŭ la malsamaj legadoj de la statuso de la tn informo revolucio kaj la teknika-sciencia-informa medio, estas certe, por trakti la nunan soci-politika kunteksto, informo ŝlosilan elementon al ilia priskribo kaj kompreno. Dum la 20a jarcento, laŭ Mezaros (2002), la reorganizo de la reprodukta ciklo de ĉefurbo sekvis la logikon de la orientiĝo de akumulado kaj ekspansio. La ŝanĝoj okazantaj en la kunteksto de produktado promociita la redukto de grandeco de la areno bataloj, sed tiuj ŝanĝoj ne nur marki la tagordo de la alfrontoj kaj la konkero por fari. Ankaŭ en la produktado kaj reproduktado de vivo okazis radikalajn ŝanĝojn pro la alveno kaj laŭgrada tutmondiĝo de informo kaj komunikado teknologio (IT) kiuj, kiam ili malfermas tutan spektron de progresoj kaj evoluoj kampoj de kiel nanoteknologio ili, la artefarita inteligenteco, distribuita komputado teknologio (inter aliaj), enfeixam homoj kaj ne-homaj bestoj kaj la planedo en la ebloj de dividis mondon ĉe la horizonto de ĝi. La baza demando "Kiu estas ni", "kiel por vivi en socio" hodiaŭ, devas konsideri niajn individuajn kaj kolektivajn vivoj, niaj manieroj produkti kaj reprodukti vivo, nia rilato kun la planedo, nia institucioj, normoj, reguloj, de la ebloj de vivo, kiu aperas en ĉi tiu cifereca horizonto. Ĝi estas komprenataj kiel fundamentaj elementoj por la strukturigo de nuntempa socio kaj por la nova monda ordo. Sekve, ĉi tiu kompania formo povas esti difinita laŭ la reto, tio estas, laŭ komunikado. En la kunteksto de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tutmondigo, la roloj de informoj kaj komunikado, informoj kaj komunikado fariĝis ekstreme gravaj, ĉar sen ciferecaj rimedoj ĉi tiu tutmonda procezo ne eblus. La celo de ĉi tiu artikolo estas diskuti aspektojn de socia kontrolo en ĉi tiu kunteksto. Sekve, unue estos dekojn da elementoj de socio markita de IT kaj tiam la demando de socia kontrolo estos diskutita en la nuntempa socio por kelkaj parametroj.

Ŝlosilvortoj: *Informoj kaj komunikado. Reto socio. Cifereca retoj. Potenco.*

Abstract

It is assumed that, despite the different readings of the statute of the so-called information revolution and the technical-scientific-informational environment, the right is to approach the current social-political context, information is a fundamental element for its description and understanding. During the twentieth century, according to Mézaros (2002), the reorganization of the reproductive cycle of capital followed the logic of the orientation through accumulation and expansion. The transformations that took place within the scope of production promoted the re-dimensioning of the arena of the struggles, but such changes not only mark the agenda of the clashes and the conquest to be made. Equally in the context of production and reproduction of life, radical changes have occurred due to the advent and gradual globalization of information and communication technologies (TIS) which, by opening up a whole spectrum of advances and developments in fields such as nanotechnology, artificial intelligence, ubiquitous computing (among others), bundle human and non-human animals and the entire planet into the possibilities of the shared world on the horizon of TIS. The elementary questions "who are we", "how to live in society" today, need to consider our individual and collective life, our ways of producing and reproducing life, our relations with the planet, our institutions, norms regulations, from the possibilities of life that emerge in this digital horizon. In it TIS are understood as fundamental elements for the structuring of contemporary society and for the new world order. Hence, this corporate form can be defined in terms of network, i.e. in terms of communication. In the context of globalization, the roles of information and communication technologies, information and communication have become extremely relevant, because without digital media this global process would not be possible. The purpose of this article is to discuss aspects of social control in this context. Firstly there will be the score of elements of the society marked by the ITs and then will be discussed the issue of social control.

Keywords: *Information and communication technologies. Networked society. Digital networks. Power.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Introdução

Durante o século XX, conforme Mézaros (2002), a reorganização do ciclo reprodutivo do capital seguiu a lógica da orientação pela acumulação e pela expansão. As transformações ocorridas no âmbito da produção promoveu o redimensionamento do arena das lutas, mas tais mudanças não marcam somente a agenda dos embates e a da conquista a se fazer. Igualmente no âmbito da produção e reprodução da vida ocorreram transformações radicais devido ao advento e à paulatina mundialização das tecnologias de informação e de comunicação (TIs) que, ao abrirem todo um espectro de avanços e desenvolvimentos de campos como os da nanotecnologia, da inteligência artificial, da tecnologia computacional distribuída (dentre outros), enfeixam os animais humanos e os não humanos e todo o planeta nas possibilidades da vida num mundo compartilhado no horizonte das Tis. A pergunta elementar por “quem somos nós”, hoje, necessita considerar nossa vida individual e coletiva, nossos modos de produzir e reproduzir a vida, nossas relações com o planeta, nossas instituições, normas regulamentos, a partir das possibilidades da vida que emergem neste horizonte digital. Nele as Tis são entendidas como elementos fundamentais para a estruturação da sociedade contemporânea e para a nova ordem mundial. Daí, essa forma societária poder ser definida em termos de rede, i.e., em termos de comunicação. No âmbito da mundialização, os papéis das tecnologias de informação e comunicação, da informação e da comunicação tornaram-se extremamente relevantes, pois sem os meios de comunicação teleinformáticos esse processo global não seria possível.

O objetivo do artigo é discutir aspectos do controle social presentes neste contexto. Para tanto, em primeiro lugar haverá a pontuação de elementos da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sociedade marcada pelas TIs e a seguir será discutida a questão do controle social ao relacioná-la às tecnologias de informação e comunicação (TIs).

O meio técnico-científico informacional e as TIs

Apesar das diferentes perspectivas acerca do estatuto da chamada revolução informacional e do meio técnico-científico-informacional, um aspecto aparece como consensual, o pressuposto de que para diagnosticar e entender o contexto sócio-político atual, a informação constitui um elemento fundamental.

Mesmo ao se reconhecer a arbitrariedade presente nas delimitações históricas, é aceita a demarcação de pelo menos três fases no desenvolvimento da revolução industrial: a primeira foi dos fins do século XVIII até 1870; a segunda iniciou por volta de 1870 e se encerrou na década de 1960 e pode ser designada de revolução científico-tecnológica; a terceira etapa começou em torno dos anos de 1960 e é marcada pela revolução proporcionada pelas invenções ligadas à microeletrônica e à linguagem digital, que estão na base do crescimento vertiginoso dos setores de serviços e de comunicações e informações. Ela promoveu, ademais, o advento e expansão dos usos público e privado, institucional e individual das tecnologias de informação e comunicação, sendo que a utilização crescente de técnicas de armazenamento e transmissão de dados e informações a baixo custo tem colaborado essencialmente para as transformações organizacionais, sociais, legais e culturais ora em curso.

Para Manuel Castells, à diferença das outras revoluções (a primeira fase da revolução industrial e a revolução científico-tecnológica), por um lado, a que hoje presenciamos tem seu núcleo nas tecnologias de informação e no processamento e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

comunicação, uma vez que o decisivo tem sido a “aplicação dos conhecimentos e das informações para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso.” (CASTELLS, 2005, p. 69) Assim,

[...] a tecnologia da informação é para esta revolução o que as novas fontes de energia foram para as revoluções industriais sucessivas, do motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo à energia nuclear, visto que a geração e a distribuição de energia foi o elemento principal na base da sociedade industrial (CASTELLS, 2005, p. 68).

Por outro, a rápida difusão planetária é outro aspecto diferenciador. A transformação tecnológica marcada pelas tecnologias de informação e comunicação (TIs), entre as décadas de 1970 e 1990, foram difundidas por vastas regiões do planeta “com a velocidade da luz, por meio de uma lógica que [...] é a característica dessa revolução tecnológica: a aplicação imediata no próprio desenvolvimento da tecnologia gerada, conectando o mundo através da tecnologia da informação.” (CASTELLS, 2005, p. 70) Mesmo reportando que essa difusão, apesar de ampla, é desigual e deixa desconectada do sistema tecnológico mundial parte considerável da população mundial, Castells observa que, acentuadamente, “mais atividades, grupos sociais e territórios dominantes, por todo o globo estão conectados, na aurora do século XXI, em um novo sistema tecnológico que, como tal, começou a tomar forma somente na década de 1970.” (CASTELLS, 2005, p. 70)

Milton Santos desenvolveu diagnóstico próximo ao de Castells ao entender o tempo presente como o meio geográfico técnico-científico-informacional, marcado pela interação simbiótica entre ciência e técnica e pelo fato de que os objetos técnicos são também informacionais, pois “graças à extrema intencionalidade de sua



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação.” (SANTOS, 1996, p. 191) Para ele, este momento do meio técnico-científico-informacional é algo novo, sendo que nele a ciência, a tecnologia e a informação, juntas, acham-se na base da “produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir seu substrato” (idem, p. 192). Este meio abrange igualmente as áreas urbanas e as rurais e é marcado pela fluidez de ideias, produtos, mensagens ou dinheiro que transitam pelas redes como informações ubíquas e instantâneas. Por fim, ele afirmou que o espaço geográfico do meio técnico-científico-informacional é a face geográfica da globalização, pois a lógica global tende a se impor a todos os territórios, e “mesmo onde se manifesta pontualmente, ele assegura o funcionamento dos processos encadeados a que se está chamando de globalização”. (idem, p.193). Nele

[...] **a informação** não apenas está presente nas coisas, nos objetos técnicos, que formam o espaço, como ela **é necessária à ação realizada sobre essas coisas. A informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação.** Pode-se falar, como S. Gertel (1993), de inevitabilidade do "nexo informacional". (SANTOS, 1996, p. 193 - **grifo nosso**)

Kumar (2006, p. 45) foi um dos teóricos que chamou atenção para o fato de que “a informação, como conceito, chega ao mundo trazendo consigo nuvens de glória” e também um de seus críticos ao apontar a vigência do discurso triunfalista do pensamento único relativo à sociedade em rede. Naquela discursividade, a nova fase de desenvolvimento social foi chamada de “aldeia global”, “ágora digital”, “sociedade do conhecimento”, “sociedade da informação” - expressões reveladoras da promessa de novos tempos, novos rumos. Kumar, dentre outros analistas, indicou que naquele



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

campo interpretativo a “sociedade de informação” consistiria em uma construção ideológica para fortalecer o projeto da sociedade liberal burguesa capitalista, que concebe e usa a informação de modo instrumental e sempre associada ao aumento da produção e da acumulação do capital, à competitividade e a inovação voltada para os negócios.

A abordagem de Giddens (2001) pode ser utilizada para tensionar o diagnóstico de Castells e Santos quanto à novidade que poderia haver na informação enquanto instância fundamental para a sociedade contemporânea. Para o sociólogo inglês, todas as diferentes modalidades de Estado foram, em última instância, ‘sociedade de informação’ porque “[...] a geração de poder de Estado sempre supõe um sistema de reprodução reflexivamente monitorado, envolvendo a reunião regularizada, armazenamento e controle da informação voltados para fins administrativos. [...]” (GIDDENS, 2001, p. 199) Porém, no Estado-nação essa situação foi potencializada e o indicou a importância da separação da comunicação da informação dos seus meios de transportes para a consolidação desse Estado, especialmente nos fins do século XIX e início do XX. Nesse processo, as tecnologias de comunicação e informação antigas (como os diferentes tipos de telégrafos, a estrada de ferro, o telefone, por exemplo) foram fundamentais para a instauração do Estado moderno. A invenção da imprensa foi o primeiro passo para a mecanização da comunicação e a disponibilidade de materiais impressos baratos e fáceis levou a uma ampliação da esfera do ‘político’. Giddens chamou a atenção para as relações necessárias entre o uso da imprensa, ainda no âmbito do absolutismo, e o aumento do poder administrativo do Estado, uma vez que ela possibilitou o desenvolvimento e aprofundamento nas operações de vigilância do Estado. Desde então, registros, relatórios e coleta rotineira de dados tornaram-se atividades diárias do Estado. A



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

importância da coleta sistemática de ‘estatísticas oficiais’, no início, se deu em duas áreas: impostos e finanças e, ainda, dados sobre a população. A primeira atesta a importância do gerenciamento fiscal. A segunda indica a preocupação do Estado com a manutenção da ordem interna em relação à vadiagem, ao crime e à rebelião. Assim, os dados da estatística oficial do Estado são constitutivos do Estado-nação, que não teria desenvolvido seu poder administrativo sem a base de informação “[...] que são os meios de sua auto-regulação reflexiva. [...]” (GIDDENS, 2001, p. 201) A partir da indicação de Giddens, torna-se possível propor e argumentar que a sociedade contemporânea é mais uma “sociedade de informação”. Em verdade, é um tipo peculiar de estrutura sócio-político-econômica-cultural em que as informações circulam global e instantaneamente graças às novas tecnologias de informação e comunicação presentes no meio técnico-científico-informacional.

Alguns elementos relacionados ao controle social e informação serão pontuados a seguir.

Controle social, disciplina e biopoder

Marcados pela temporalidade e historicidade, os seres humanos tornam-se sujeitos mediante o processo de assujeitamento (no sentido de tornar-se sujeito e de ser submetido a algo). Assim, as nossas vidas são atravessadas e formatadas pelos saberes e poderes que dão sentido ao nosso mundo e que por isso determinam cada época e sociedade. Contemporaneamente, o processo de assujeitamento ocorre em meio às grandes transformações que discutimos anteriormente.

Quando se pensa a questão do controle social acoplado à questão informacional, uma das primeiras referências é Deleuze que apresentou, em diálogo com Michel Foucault, alguns aspectos que poderiam distinguir a sociedade

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

disciplinar da sociedade de controle.

Por sua vez, um dos temas que atravessa a obra de Foucault é o do poder, especialmente em sua relação com o corpo. Foucault se distanciou de modos clássicos de compreensão desse tema, em geral associado à dimensão jurídica do Estado, a um ponto central emanador 'das ondas do poder' e à percepção negativa e repressora. Ele assumiu como premissa o fato de as sociedades serem condicionadas por diferentes lógicas políticas e visou entender o poder em sua dinâmica e em seus mecanismos, técnicas e instrumentos locais e específicos, que estariam para além das regras jurídicas. Interessou a ele encontrar os dispositivos pelos quais o poder é exercido, como ele escoava local e institucionalmente, na dimensão micro, até alcançar as pessoas. Neste sentido, enfocou os mecanismos, os instrumentos, as técnicas do poder impostos e delimitados pelo direito, por um lado, e, por outro, pela verdade. Na percepção foucaultiana, portanto, o poder agiria para a institucionalização da verdade mediante determinados mecanismos, como a confissão e a inquirição. A verdade, por sua vez, atuaria como norma, e os discursos considerados verdadeiros em uma época julgam, classificam, coagem, obrigam, punem, ou seja, eles portam efeitos específicos de poder.

Na sociedade moderna, ao longo dos séculos XVII, XVIII, inúmeras transformações ocorreram. A Foucault interessou a substituição lenta do poder da soberania pelo poder disciplinar, o que fez com que as sociedades monárquicas passassem a funcionar como sociedades disciplinares, graças à multiplicação de instituições de disciplinas por todo o corpo social, tais como, oficinas, fábricas, escolas, prisões, hospitais. Para ele, pois, a sociedade disciplinar estaria situada aproximadamente entre o século XVIII até meados do século XX e, após a Segunda Guerra Mundial, o declínio deste tipo societário se tornou mais visível bem como a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ascensão de outro tipo, a sociedade de controle.

Para o advento do poder disciplinar, o confisco não foi suprimido, mas passou a ser um dos elementos da lógica do exercício do poder, que, ao lado da vigilância, do reforço, do controle, da organização das forças assujeitadas, passaram a gerir a vida, a causar a vida, aumentando-lhe a potência a partir de duas novas técnicas de poder, a disciplina (século XVII) e os controles reguladores (metade do século XVIII). A característica fundamental do poder disciplinar está no fato de ele não se materializar na figura do rei e sim, nos corpos individualizados dos sujeitos assujeitados pelas técnicas disciplinares. A disciplina, segundo Foucault, é um tipo específico de mecanismo do poder que alcança o indivíduo em seu corpo, separando, examinando, analisando, e abarca um conjunto de instrumentos, técnicas e procedimentos a cargo de instituições especializadas em seu exercício, especialmente a escola, a fábrica, a caserna, o hospital. O exercício do poder disciplinar requer, pois, o confinamento dos indivíduos em instituições nas quais se produziria a disciplina. Tais instituições são espaços fechados – são territórios – em que o tempo é ordenado. Esta anátomo-política fez-se necessária para a eficácia física do corpo humano no nascimento da revolução industrial, que demandava um corpo capaz e condizente com a economia de ações e de tempo da era industrial; para tanto era preciso a disciplinarização do corpo, no sentido de torná-lo dócil e apto ao novo sistema de produção. Os procedimentos que caracterizam as disciplinas, ou *anátomo-política do corpo*, visaram o corpo individual como se fosse uma máquina, adestrando-o, ampliando suas aptidões, explorando suas forças, concentrando-se, assim, na sua docilidade e utilidade, além da sua integração em sistemas de controle eficazes. Portanto, ele propôs a disciplina como uma técnica de fabricação de indivíduos úteis e dóceis, que teria três objetivos: baixar os custos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

políticos e econômicos do exercício do poder, intensificar e maximizar os efeitos do poder, ampliar a docilidade e utilidade dos indivíduos assujeitados.

Por volta da segunda metade do século XVIII, o poder disciplinar passou a ser complementado e coadjuvado por outra técnica de poder, cujos procedimentos foram subsumidos nos controles reguladores, nomeados por Foucault de bio-política da população. Tais processos centraram-se no “corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar.” (FOUCAULT, 2005, p. 113)

A especificidade do biopoder acha-se no fato de ele ser aplicado às vidas dos indivíduos e não aos seus corpos, como no caso do poder disciplinar. Ademais, se este individualiza cada pessoa, aquele se dirige à população em geral, sendo que seus efeitos são percebidos na coletividade, ou seja, nos processos que implicam a vida das pessoas: os nascimentos, as doenças, as mortes são exemplos deste tipo de poder. Paralelo ao exercício desse tipo de poder há também uma vasta produção de saber. Aí se fazem presentes, por excelência, as ciências exatas e biológicas, como a Estatística, a Biologia, a Medicina, saberes relevantes para o tratamento das endemias, para as políticas de natalidade, para as políticas demográficas, para a higiene pública, dentre outras questões.

No poder soberano e no disciplinar, a população e a metrópole não eram motivo de preocupação e nem se constituíam como noções. Já no biopoder, a população e a cidade passaram a ser problemas epistemológicos e políticos, abarcados pela esfera do poder e caberia ao biopoder intervir nos problemas e fenômenos coletivos, medindo, coletando dados, calculando, prevendo. Para tanto, fizeram-se necessários novos mecanismos reguladores mediante os quais o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

biopoder pudesse realizar o que lhe cabe fazer, por exemplo, aumentar a longevidade, diminuir a mortalidade ou a taxa de certas doenças.

De certa maneira, implícito na obra foucaultiana esteve a passagem de uma sociedade disciplinar para a chamada sociedade de controle, cuja articulação foi retomada por Deleuze. Esta forma societária está em fase de estruturação e relaciona-se às formas de produção e reprodução da vida não mais do capitalismo industrial e, sim, do que é chamado, neste momento, por diferentes nomes como pós-fordismo, pós-industrial, pós-história, os quais referem-se, em última instância à sociedade em rede transpassada pelas tecnologias de informação e de comunicação.

Controle social e sociedade em rede

De acordo com NEGRI e HARDT (p. 42/43)

“Devemos entender a sociedade de controle, [...], como aquela (que se desenvolve nos limites da modernidade e se abre para a pós-modernidade) na qual mecanismos de comando se tornam cada vez mais ‘democráticos’, cada vez mais imanentes ao campo social, distribuídos por corpos e cérebros dos cidadãos. [...] A sociedade de controle pode, [...], ser caracterizada por uma intensificação e uma síntese dos aparelhos de normalização de disciplinabilidade que animam nossas práticas diárias e comuns, mas, em contraste com a disciplina, **esse controle estende bem para fora os locais estruturados de instituições sociais mediante redes flexíveis e flutuantes.** (grifo nosso)

Numa entrevista a Toni Negri, em 1990, Deleuze (1992) explicou que o confinamento e a vigilância marcaram a sociedade disciplinar. Na sociedade do enclausuramento, os indivíduos são repartidos em espaços fechados (fábricas, indústrias, hospitais, escolas, prisão, por exemplo), cuja imagem e estrutura emblemática é o panóptico de J. Bentham. Nestes espaços, um mesmo processo fixo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de moldagem é aplicado nas diversas formas sociais: o indivíduo modela seu comportamento diante da possibilidade de estar sendo vigiado por outrem. O capitalismo industrial engendrou, por necessidade, e também se beneficiou com a formação da sociedade disciplinar.

Contemporaneamente, para Deleuze, as sociedades de controle não funcionariam tanto mais pelo confinamento, apesar destes persistirem, mas pelo controle contínuo e comunicação instantânea. Ele indicou que nesta sociedade o controle operaria a partir da suposta ausência de limites definidos (a rede), pois os espaços perderiam as fronteiras rígidas e se interpenetram, por um lado. Sintoma desta situação é o fato de não vermos os limites dos programas dos computadores. Por outro, também transcorreria pela implantação de um tempo contínuo no qual os indivíduos nada terminam porque estão continuamente em formação e em dívida permanente e impagável. Ademais, o controle da comunicação instantânea se deveria ao fato de a sociedade em rede permitir a passagem mais ágil dos comandos do que no contexto da comunicação analógica.

Se a sociedade disciplinar foi caracterizada pela assinatura que individualizava o indivíduo e pelo número da matrícula que o posicionava na massa,

“o essencial não seria mais a assinatura nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha* [...] A linguagem digital do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se individuais, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados, *bancos*.” (DELEUZE, 1992, p. 222)

Ou seja, a comprovação da singularidade, na sociedade disciplinar, era fornecida pela assinatura e pelo número de alguma matrícula; na sociedade que se instala, é a senha que singulariza e que pode ser aceita ou não. Deleuze indicou



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mudança na relação entre a cifra (o código intransferível) e a identidade pessoal. O indivíduo deixou de ser indivisível e passou a ser divisível, *dividual*, resultante do fato de ser mais um elemento de qualquer base de dado (amostra, massa populacional, estatística financeira ou de política pública, por exemplo), cuja senha ora pode ser aceita ora não. As massas, por sua vez, tornaram-se amostras, informações de bases de dados, mercados que necessitam ser rastreados, analisados tendo em vista a percepção de padrões de comportamento a ser capturados pelo mercado. No lugar de indivíduo e de massa – pares conceituais do Estado-nação da era industrial – aparecem outras figuras, como *divíduo*, consumidor, multidão, perfis, amostras, nichos de mercado, segmentos de público, *targets*, bases de dados. Para tanto são criados permanentemente programas que capturam os dados essenciais para o mercado. A liberdade modulada e não apenas vigiada implica o apelo à extrema individualização, uma vez que os indivíduos são acompanhados, parametrizados, classificados nos seus objetivos e até mesmo nas mudanças de humor.

A faceta do capitalismo desta fase da história assenta-se sobre as TIs e não somente instilando o medo da vigilância, uma vez que ele necessita de outro tipo de liberdade, agora modulada mediante estas tecnologias que modulam, inclusive, a liberdade.

A morfologia atual da sociedade, sociedade em rede, foi estruturada a partir das tecnologias de manipulação, armazenamento e distribuição de informações, fato que provocou a maior importância dos mercados simbólicos e os bens imateriais frente aos mercados de bens materiais. Assim, as redes de comunicação digital constituem o eixo central, tal como as redes energéticas sustentaram a sociedade industrial. Neste tipo societário, os padrões e os protocolos de comunicação são



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

necessariamente aceitos quando se está na rede. Neste sentido, o poder é exercido segundo a imposição das regras de inclusão e não pela exclusão das redes. Para apreender os sentidos do controle, que cresce a despeito de todo discurso e sensação de liberdade e liberalidade presentes na rede, é necessário frisar que ele se dá na comunicação, nos comportamentos interativos e também nos (des)conhecimentos dos códigos, necessários à convivência. Assim, no controle vigora também uma biopolítica que agencia e gerencia o tratamento digital dos processos sociais. Entender este controle implica encontrar, reconhecer e descrever os protocolos e a malha de intermediários da comunicação, que permitem a quem controla (humanos, máquinas ou algoritmos) o acesso (ou não) às informações que transitam pela rede e ao conhecimento elaborado a partir destas, dentro da configuração da economia do conhecimento.

A internet, nos seus primeiros anos, anunciou um novo mundo em que os governos pouco podiam para controlar os fluxos circulantes pelas infovias. A própria tecnologia da internet, baseada em protocolos, interpretava a censura como falha técnica, o que dificultava o controle. Mas a necessidade de ganhar dinheiro com a internet e com a informação digital implicava a identificação para assegurar a comunicação na internet. Como afirmou Castells (*Galáxia internet*, p. 141), “a necessidade de proteger os direitos de propriedade intelectual nela levaram ao desenvolvimento de novas arquiteturas de software que permitem o controle da comunicação pelo computador. Governos pelo mundo toleram essas tecnologias de vigilância ou as adotam avidamente para recuperar parte do poder que estavam perdendo.” Neste sentido, há um jogo em disputa entre o vigor da faceta “tecnologias de liberdade” e o da faceta “tecnologias do controle”.

As tecnologias de controle surgiram da comunhão entre governos e o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

comércio. As tecnologias de identificação, vigilância e de investigação baseiam-se em dois pressupostos: a assimetria no conhecimento dos códigos da rede e a capacidade de estabelecer um espaço determinado de comunicação suscetível de controle. As tecnologias de controle assumem os seguintes tipos: de *identificação* (senhas, *cookies*, procedimentos de identificação), de *autenticação* (as assinaturas digitais que permitem que os computadores identifiquem a origem e as características para a interação entre as máquinas), de *vigilância* (permitem a identificação do usuário individual mediante marcadores para o rastreamento dos fluxos comunicacionais e sua interceptação, a partir da localização e monitoramento das máquinas), de *investigação* (ligados à construção de bases de dados por meio da vigilância e armazenamento de informações, uma vez que os dados coletados, que formam as bases, podem ser combinados e recombinaados para formar perfis informacionais agregados).

Tais tecnologias operacionalizam seus controles por meio de duas condições: a) os controladores conhecem os códigos, mas os controlados não; exemplo é o fato de os softwares comerciais serem confidenciais e patenteados e o usuário acaba aprisionado por esta arquitetura; b) os controles são exercidos em espaços definidos na rede, como por exemplo, o de uma universidade, de agência governamental, de uma empresa, de um provedor; assim, a internet é rede global (www), mas os pontos de acesso a ela não, o que faz com que a existência de filtros no acesso tenda a transformar a liberdade em submissão. Ademais, nos locais de trabalho persistem e são ampliadas práticas de vigilância na internet. Mas o fundamental para este quadro foi, sem dúvida, o desenvolvimento de tecnologias de coletas de dados associados ao comércio eletrônico que permitiram colher informação a cada clique em algum website, fato que abriu a possibilidade de um sistema eletrônico de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vigilância. E, segundo Castells (2003, p. 145), para a efetivação desta possibilidade, “as firmas da internet, de ideologia ardorosamente libertária, forneceram a tecnologia para a quebra do anonimato e a redução da privacidade, e foram as primeiras a usá-la.”

Uma questão relevante é como os dispositivos de controle lidam com as informações produzidas pelos indivíduos, uma vez que a sociedade disciplinar e a de controle trabalham a informação de modos diferentes. Na sociedade disciplinar, a informação é, por um lado, organizada vertical e hierarquicamente e o acesso a ela confunde-se com a posição do indivíduo na hierarquia (antiguidade, posto, exercício de função, por exemplo); por outro lado, as informações estão compartimentalizadas, o que faz com que cada instituição possua seu elenco de informações, guardado em seu espaço físico. Este fato gera, como afirma Rogério da Costa (2004, p. 162),

“uma associação profunda entre o local, o espaço físico e o sentido de propriedade dos bens imateriais. Há uma intensa regulação dos fluxos imateriais no interior dos edifícios e entre eles, de tal maneira que a resposta à pergunta “onde está?” parece indicar ao mesmo tempo o lugar físico e a propriedade da informação”.

Neste sentido, a sociedade disciplinar opera na polarização opacidade do poder e transparência dos indivíduos, tão bem visto na metáfora do panóptico: uma arquitetura que mantém o poder longe do olhar daqueles que são vigiados no seu interior. A resistência neste tipo de situação implica na luta por maior transparência do poder para que seja possível perceber aqueles que nos vigiam e controlam.

Um ponto central é se esta situação de resistência pode ser transposta para a sociedade de controle, comunicacional e informacionalmente interconectada. Apesar da propalada e defendida transparência da web, a situação tornou-se mais complexa, uma vez que a natureza do poder neste tipo societário cada vez é menos hierárquico



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ao se difundir na rede planetária, tornando-se até difuso, por um lado. Por outro, em última instância as organizações governamentais e as grandes corporações informacionais tornam-se, acentuadamente, os grandes sujeitos que detêm a posse das estruturas físicas das infovias, e assim podem controlar continuamente e por comunicação instantânea. Em curso assiste-se a implantação de aparatos e algoritmos de rastreamento de padrões de comportamento no contexto marcado não apenas pela regulação dos fluxos do desejo pelo marketing, dos fluxos sociais para o controle do fluxo financeiro ou para a instilação ao consumo, mas, sobretudo, pelo crescimento exponencial das trocas informacionais-comunicacionais. Ou seja, na nossa atualidade nenhuma outra forma de poder parece ser tão

“sofisticada quanto aquela que regula os elementos imateriais da sociedade: informação, conhecimento, comunicação [...] Na sociedade de controle, estaríamos passando das estratégias de interceptação de mensagens ao rastreamento dos padrões de comportamento”, a partir da vigilância sobre a dinâmica geral da comunicação (numa rede que liga pessoas-empresas-serviços online-sistema financeiro-entretenimento) e não apenas sobre a troca de mensagens entre as pessoas (COSTA, 2004, p. 163)

Tudo indica que no momento da não coisa (a informação para Villém Flusser), os anéis da serpente tornam-se mais complexos e demandam a compreensão da realidade social por categorias que contemplem a sociedade interconectada e interativa, cuja ponta do iceberg são os computadores e a web. Nesta sociedade que acentuadamente se vê como da informação, da comunicação, ou por categorias outras que indicam a centralidade dos processos comunicativos-informacionais, acentuadamente, nos tornamos partes do maquinário de circulação de informação e extração de conhecimento, especialmente na forma de padrões de comportamento para alimentar o mercado e reprodução do capital.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Considerações finais

No tempo presente assistimos ao desenvolvimento crescente dos controles sociais implicados na sociedade em rede; a fabricação de um novo sujeito, de novos corpos e subjetividades; o alargamento da experiência vital que passou a abranger também as infovias e o nosso trânsito por elas; o tempo marcado pelo prefixo *pós*, que indica simultaneamente o “não mais e o ainda não”. Um tempo assinalado pela crise das instituições modelares da sociedade disciplinar e de elaboração de novos dispositivos, sofisticados, ágeis, flexíveis, transparentes, pulverizados, dispersos, que são veículos e aparatos do biopoder e do controle social.

Hoje, parte da vida se passa também dentro das redes, das bases e dos bancos de dados, das estradas da informação, uma vez que estamos enfeixados num horizonte informacional. Num banco de dados, o acúmulo maciço de informações acrescido a cada uso do cartão eletrônico, por exemplo, gera uma situação em que os consumidores entregam voluntariamente seus dados à vigilância e ao controle, pois parece que acentuadamente estamos aprendendo a amar a transparência, a visibilidade, o voyeurismo, a sociedade *non-stop* do consumo e produção 24 horas, sete dias por semana (24/7). Esta aprendizagem faz parte dos parâmetros presentes na construção de subjetividades condizentes com os novos tempos. Nesta estrutura, por um lado, de modo mais ou menos visível quem mais utiliza os aparatos, as ferramentas, os programas são as empresas de marketing e de crédito, que procuram a credibilidade das pessoas listadas pelos arquivos. Estar incluído num desses arquivos é condição de credibilidade, pois as bases de dados cadastram consumidores confiáveis, dignos de crédito e descartam ou outros, i.e., aqueles que não jogam o jogo do consumo de modo confiável pelas regras do mercado. Então,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ninguém entra num banco de dados sem ter as credenciais adequadas. Por outro, as ações de figuras como Julien Assange e Edward Snowden revelaram ao mundo os meandros da vigilância e do controle, até então secretos, presentes na possibilidade de coleta e de armazenamento de dados de cidadãos, empresas e até governos, realizados por governos e grandes corporações. E mais recentemente explodiu o escândalo em torno do Facebook, pois usuários do sistema tiveram os dados explorados pela *Cambridge Analytica*. Este evento, ainda em curso, novamente mostrou as implicações políticas do uso de dados de usuários de redes sociais.

O horror ao controle tão bem apresentado em obras contra-hegemônicas da cultura de massa (*Invasores de corpos, 1984, Brazil, Admirável mundo novo*) parece que ficou para trás. Talvez porque aquele controle implicasse resistência a uma entidade visível e fixa como o Estado, a classe; talvez pela supremacia de uma concepção de poder que apresentou o poder como algo que nos anulava e controlaria de “cima para baixo”. Mas os tempos são outros e novas formas de resistir precisam ser construídas. Daí a importância de a filosofia adensar sua tarefa de pensar o tempo presente ao incorporar a multifacetada questão informacional para deslindar e destrinchar os nós da rede.

Referências

- COSTA, Rogério da. “Sociedade de controle” In **São Paulo em Perspectiva**. v.18, n.1, janeiro/março de 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392004000100019&script=sci_arttext. Acesso em 25.06.2004.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8 ed. ampliada e revisada. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- _____. **A Galáxia Internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.
- DAY, Ronald. *The modern invention of information: discourse, history and power*.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Carbondale: *Southern Illinois University*, 2001.

DELEUZE, G. "Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle" In **Conversações**. Rio de Janeiro: 34 Editora, 1992

_____. "Controle e Devir" In **Conversações**. Rio de Janeiro: 34 Editora, 1992

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, NAU Editora, 2003

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIDDENS, Anthony. **O Estado-Nação e a Violência**: segundo volume de uma Crítica Contemporânea ao Materialismo Histórico. São Paulo: EDUSP, 2001.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

NEGRI, A., HARDT, Michael. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.